

Vol. 10
Dum. 15

(fac-simile de autografo).

O POETA — CASSIANO RICARDO

(DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

...pontos doles não choraram, realmente, na-
turalmente, até ao final — e ainda a lin-
gua dos pagãos e por aqui a que lhes era
a que os seus próprios olhos veriam.

...um deles, e ainda a que os seus próprios
olhos veriam. Mas, no seu caso, a
palavra de andar correndo atrás dos mitos
e lendas.

...faz o Diabo Velho quando ameaça batar
na sua dor, sendo a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

a mistura — acrescento — não era só do elemento
maqueto com o português. A cruz abraçava tam-
bem a cunha da contribuição (basta lembrar
os Buarque e os Camargo) foi notabilíssima to su-
perlativo de Taunay nas famílias paulistas dos
séculos XVI e XVII. E a mistura de índio, por-
tuguês e e crioulo, não só dá em resultado a pri-
meira geração de mestiçagem que explica o ban-
dante do ponto de vista étnico-cultural como
também da origem ao ambiente indiano, apo-
tando-se e expandindo da época, tão própria
dação das artes. Encontravam-se, numa so-
ma, o mundo magico do primitivo, a variação do
e primitivo para o fabuloso (quixotesco) e a ten-
são da português para a realidade, instila-
ção.

O índio magico, o espanhol fabuloso e o por-
tuguês criado de um a soma mística necessária
para o grande trabalho.

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

MITOS À FRENTE, SANTOS ATRAS

De certo que não era apenas a ambição a força
que impelia o grupo, certo, dentro. Os documen-
tos relativos ao bandeirismo ajudam, algumas vezes,
a necessidade do homem do plano a procurar re-
médio para a sua pobreza. Muitos tomam parte nos
grupos, sem dúvida, movidos por insólitas imposi-
ções da vida material e não apenas por acreditar
nos tesouros da fábula. São, porém, em última aná-
lise, os mitos d'ouro, da prata e das conchas e o
mito Paulo Setúbal tem toda a razão que arras-
tam esses homens para o desconhecido. Em plena
miséria, quanta vez não viram os sertanistas, ao
longe, empilhados pela ideia de riqueza, a serra do
ouro, a serra verde, a serra de prata e não camin-
haram atrás deles, num formidável brinquedo de
espanto-caçote em que as palavras "ouro" e
"prata" nunca estiveram de acordo? Nem mesmo
o nome e o movimento das palavras lhes atenua-
vam, no espírito, o falecimento de tais mitos. Pou-
co importa que a terra, vendida pelo canção, pelas
privações, pelas distâncias, por aquele "quando" e
aquela "onde" de que nos falam os documentos —
palavras de um estribilho trágico, dantesco — fi-
casse reduzida a um farrapo humano. Sobre esse
farrapo de resistência e de elosia dessem, não raro,
na noites estreladas dos acampamentos. De dentro
de alguma barraca, entretanto, um deles já, de
nova, a mão de ouro subiu do morro mais próximo
e lá pousou, heita como barra, num modo mais
distante. Pois basta isso para que, no dia seguinte,
saísse certo do grupo se recolheria e partia em di-
reção ao caminho agora indicado pela visão mara-
vilhosa.

Quase sempre, antes de partir, o conquistador
faz o seu testamento:

"Pelo ao meu Anjo da Guarda e aos santos de
minha devoção que me acompanhem nesta jor-
nada".

E assim, mitos à frente e santos atrás, lá se
vai o bandeirante fundar uma Pátria.

"RAÇA DE GIGANTES"

Defende-se Paulo Setúbal citando os documen-
tos mais vistosos e veneráveis para provar que os
mitos existiram mesmo e, no entanto, provou coisa
muito pouco ainda, porque é hoje uma verdade
antropológica: o decisivo papel dos mitos na irrupção
das lutas expansionistas, ou melhor, no dinamismo
patriótico da bandeira.

E se alguém o acusasse por se haver assim de-
ixado arrastar por esses mitos, como Montalvão e
Gonçalves se deixaram arrastar pelos contos do nosso
sivagismo, poderia ele responder, singelamente,
apontando para o mapa do Brasil. Foram esses mi-
tos, que arrastaram os grupos do litoral para a in-
terior e nos deram pela realidade, ou seja — o chão
que nos alimenta, a paisagem que nos cerca e a
fronteira em cidade da qual existimos geográfica e
espiritualmente.

Surgiu, então, a pergunta que estamos acostu-
mados a ouvir: como explicar aquilo que o normal
das ações humanas não explica? Como aceitar que
fossem homens como nós, naturais, comuns, quoti-
dianos, pedestres, aqueles brasileiros que afurra-
ram de lado a lado uma geografia virgem e mon-
tanhosa, do tamanho de um continente?

A observação é inimiga do mito, diz Krappe,
mas quando ela própria não consegue esclarecer,
dentro de hipóteses normais, a razão de certos fa-
tos, recorre... aos mitos por indução (inferencial
mythos). Assim, numa certa parte da Europa seten-
tional, existem umas pedras enormes, jogadas na
planície. Na impossibilidade de admitir tenham sido
para ali transportadas pela mão do homem, os cam-
pantes europeus acreditam que elas terão sido os
brinquedos de uma raça de gigantes, depois desapa-
recidos: são as pedras de Gargantua. Nos países de
cultura clássica, a Europa Meridional, a Itália, a
Grécia, e Oriente Próximo, a estes monumentos na-
turais se juntam as ruínas dos aquedutos, e anti-
quidades romanas, dos templos gregos, das pirâmides
egípcias. Pois lá, também, a conclusão que se tirou é a
de que tais coisas não podiam ser obra de homem
e trabalho de gigantes, de efêmeros. Os gigantes re-
põem a liberdade, não a seres humanos, mas nos fins
a construção das pirâmides. Aquelles animas pre-
históricas, cujas esqueletas temos visto em alguns
de pulcrotologia, já levaram muita gente a especu-
lar: se tais monstros morreram, só mesmo uma
raça de gigantes os poderia ter eliminado...

Tais os exemplos que Alexandre Krappe nos dá,
em sua "Gênese dos Mitos".

Pois a essa explicação é que recorreu um sábio
como Saint-Hilaire ao tratar, corretamente da firmi-
dade própria realizada pelos nossos conquistadores.
São uma raça de gigantes — diz ele — pu-
deria ter cometido uma façanha de tão heróica
proporção.

Taunay os chama *homens-das-árvores*. Artur Orlando
os compara aos *gigantes*. Outros, mais modestos,
os chamam "gigantes de mãos aban-tadas".

O POETA "QUE SE DEIXOU SER"

O exemplo que Paulo tinha em não passar por
poeta, quando dizia a verdade, não o impediu de
ser poeta.

Nem que o não quisesse, e só pelo fato de trans-
crever os documentos que citamos poemas, já o autor
do "Santo das esmeraldas" o teria sido.

Tendo sido, deixou-se ser. E é esse, precisamen-
te, o segundo aspecto de sua personalidade por
mim referido logo ao começo desta palestra. Ao poe-
ta "que se deixou ser", devemos a "Alma cabocla",
um poema simples e encantador de nossa democra-
cia rural. E manda a verdade declarar que, "dele-
tando-se ser", Paulo não teve dificuldade alguma em
fazê-lo; ao contrário, ele o fez com extrema faci-
lidade que decorre da falta de consciência poética. De
quem cabocla sem encontrar obstáculos. Sem su-
ber o que há de grave em ser poeta. Direi que a sua
facilidade era aquela a que chamamos naturalida-
de, espontaneidade; e não a facilidade dos afeti-
vos.

Como uma árvore se deixa ser árvore, dando flo-
res, ou como um pássaro que cumpre o seu destino,
gorgoleando, leu Herodoto que o homem, antes
de falar, cantava como um pássaro! Assim Paulo Setúbal
se deixou ser poeta.

Se há, nessa fase, algum mistério na poesia de
Paulo há de ser o da própria inocência. Tudo é graça,
enfaticamente, alegria de viver, naquelas páginas
matutinas, claras, bucólicas, que nos deltam em
"Alma cabocla". Um problema grave de técnica, um
pensamento subterrâneo, uma vocação para sonda-
rismos mais ou menos profundos — não perturbam
nada a maneira a limpidez do seu poético sob esse
almo Setúbal escreveu os seus poemas festivos —
presentes de alegria, ramos floridos que ele nos ofer-
ta. Ao tornarem de uma frase carinhada, prefere
Paulo uma graça, um dito pitoresco, uma expressão
tipicamente brasileira. A sua poesia respira, enfim,
não o mistério do incompreensível mas o ar puro
das campêas e das fazendas que falam a delícia
de um Cheterton, quando nos fala em formas de
convivência camponesa, ou de André Rebouças
quando se detém nas suas concepções idílicas sobre
democracias rurais.

Veja-se, por exemplo, como que facilidade e co-
lorido ele nos descreve uma festa do S. João, numa
fazenda do interior paulista:

"E' noite... O vento famoso,
o d'ouro o melão S. João,
tinha lá da glória
soda de milho e de goiá,
que comia de vida o arida.

Certo, por entre os clamores
e os brados do povo
toda a madrugada de flores
um misto de vivas e
sobre um trunfo ao céu

E agora, enquanto palpita
a clara noite lunar
toda a madrugada se agita
nessa alegria infinita
da festa tradicional.

Dentro, com grande espirito,
brilha, entalado, o salão:
que há, nessa festa do misto,
pessoas de um tipo
chegadas para o S. João.

Destaca-se entre essa gente
a flor da elite local:
o padre, o juiz o intendente
— o próprio doutor Vilela
que é deputado estadual.

Ante o auditorio pasmado
que, num enredo, sorri,
a Isabelinha Machado
batuca, sobre o teclado
uns trechos do Guarani.

E tudo quanto a senhora
recebe nessa ocasião,
todas, quando ela termina,
põem-se a exclamar: que maravilhoso
que gesto! que vocação!

E lá, entre fogueira e brejeira,
com ares de se vigiar:
"Agora, quando eu não quero,
seu Saturnino, Fátima,
há de tremar melhor".

Surge, à festa, o Saturnino...
Rugem palavras em rede,
há um fogo encendido e fuma,
né sabe, desde então,
dizem Castro Alves de ar.

Na sala toda e trançada,
em vultos e vultos
e ali, o tremido da vida,
no som da toalha de seda,
diz: foi despoção, meu Deus!

Após ouvir a estupefada
humilhação do seu falar,
no amplo salão da fazenda
... (Cocice na pag. seguinte)

O ECONÓMICO E O MARAVILHOSO

Mas, todos sabemos e sentimos o que, naquela
época, havia de humano na imaginação dos "ma-
gicos de ouro". Era ela quem precedia e instigava
a ambição (ambição, que nasce do "ambire", no sen-
tido de brigar, desejar ardentemente) gerando,
porém, os mitos da riqueza e estabelecendo — como
já se provou em minha obra "Marcha para o Oeste" — a complexidade do económico com o ma-
ravilhoso, que é a bandeira.

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?
...a própria d. Quiloso? ...a própria d. Quiloso?

REGRESSO A SÃO PAULO - Paulo Serubal

Uma das estradas mais desenvolvidas do País Notável

PAULO SETUBAL — Helio Lobo

A Academia Brasileira não pode deixar sem reverência a obra de um dos seus membros mais importantes, o grande escritor e jornalista Paulo Setubal. O livro "O Príncipe de Nassau", de Paulo Setubal, publicado pela Companhia Editora Nacional, é uma obra de grande importância para a história da literatura brasileira e da nacionalidade.

O livro é um livro, como os anteriores, mas com uma diferença: aqui, Paulo Setubal não se limita a relatar os fatos, mas os interpreta, os analisa, os critica, e os apresenta com uma clareza e uma objetividade que são raras em nossa literatura.

Paulo Setubal não é um homem comum, é um homem de letras, um homem de espírito, um homem de coração. Ele não se contenta com a simples narração dos fatos, ele os interpreta, os analisa, os critica, e os apresenta com uma clareza e uma objetividade que são raras em nossa literatura.

Paulo Setubal não é um homem comum, é um homem de letras, um homem de espírito, um homem de coração. Ele não se contenta com a simples narração dos fatos, ele os interpreta, os analisa, os critica, e os apresenta com uma clareza e uma objetividade que são raras em nossa literatura.

havia ali desdolo, nem vilania, confessou humilde. Ao contrário. Havia ali, embora tímido, embora não revelado, um entusiasmo que se irradiava em todas as palavras.

Querida Paulo, que nenhum de vossos companheiros de "diário terreno" não duramente corado, deixasse de sentir que a vida da matéria, a cor, o espírito, a redimir. E que não desconfiada o havia conhecido, através de asperos caminhos, a presença de Deus.

"Eu era um homem sofrido, confesso-o. Tinha os olhos embaciados de lágrimas grossas. Hora dura foi aquela da minha vida. Naquela hora dura, o Cristo apareceu de improviso no meu caminho. Parecia um homem como os outros homens. Nada de extraordinário. Mostrava apenas o aspecto cansado de quem caminha muito. Vestia-se com pobreza. Tinha o ar doce, as mãos eram calosas, as vestes tinham empoeiradas de comprido jornada. Ele pôs em mim os seus olhos. E quando seus olhos, grandes e complacentes, olaram em meus olhos, que iam embaciados de lágrimas grossas. Ele parou de subito em meio caminho. Parou e disse: 'Bem-aventurados os que choram porque eles serão consolados'."

Escrever este livro, num pequeno folio de papel, que não se tratava de conversas, mas de um registro. O temperamento de Paulo, de um homem, foi, com efeito, toda de inteligência moral e vibrante humana. E por muito que o avulsam as pompas do mundo, e pelas as palavras engoladas de cor, o choro, nunca deixou de ser o que era que sempre foi. As lembranças não as escondia: "O mundo era belo. Havia nesse mundo teatros, bailes, restaurantes. Havia também muitas mulheres. Oh, muitas mulheres! De par com isso, neste entanto de minha mocidade, longe das passadas foliões, os companheiros descobriam."

O primeiro maior deste livro está em que, sendo algumas das suas páginas de um grande realismo, o suave espírito do autor lhes empresta pureza estranha. A bondade é uma mesma, a maior força do mundo, ainda quando contrariada por obstáculos terrenos. Tão bela quanto seu encontro com o Senhor, é a narrativa de suas aventuras em Campos do Jordão, "palagem esmeralda de Suíça rústica", ou o refúgio de Lucas, cidade pequena, é certo, mas aninhada num cenário de guerra, com ventos bons e acolhedores. Quando, sancionando o mundo na guerra de 1914, "desastada e ruindora", ele praticava com idéias exaltadas vícios e virtudes. Assim também a evocação de São Chico, o professor de Teologia na Terra Natal, com "seus arredores sem morros, os seus campos esplanados, as suas rocas de fôlha, os seus milhares embocados"; o retrato da mãe, viúva esbelta e santa, com tantos filhos pequenos a emprestar para a vida, a quem ela encorajava.

ALMA CABOCHA

(Continuação da página anterior)
 Idades do legítimo poeta que a natureza o que, no seu mesmo caminho, ainda nos há de dar muita e muita coisa do mais ilustre e do mais subido poeta.

O volume, edição de 1943, traz belíssimas ilustrações de Paulo, que, atingindo a maturidade, com inteligência e espírito, com uma obra original e de sua arte, reveladora de um forte temperamento de "novador". Na verdade, transformando a realidade que a humanidade e a humanidade em expressão de beleza, e alguma coisa chocante, admirável mesmo.
 (Rev. do Brasil — Set. 1943)

mente seu pensamento; o perfil da primogenita, "pequena loira, com dois olhos castanhos, luminosos", a cujo rogo inocente, mas explicável, porque do alto, inutilizou um romance de paixões, que o autor reclamava, "labor bem duro e suado" de todo um ano, e ainda, última mas principal, a imagem da mulher, "aquela que via, com a sua ingenuidade, com a ternura de sua alma, com a sua vencedora pureza líria, reformar meu coração endurecido". Goulart de Andrade teve em dona Fernandina o anjo da

guarda para sua saúde frágil. Em dona Francisca, Paulo Setubal encontrou quem lhe prolongasse a vida de cristal, para os primeiros que nos deu. Olharas anônimas, não de ter sempre, no seu desvelo e no seu infortúnio, o respeito dos homens.

Livro profundamente humano. "Confiteor", é, segundo o admirável prefácio de Laboul Prance, "uma mensagem que nos chega sozinha com o dom da vida e a sinceridade da morte". E, por isso, há de perdurar.



ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS

Wash Rodrigues — André Vidal de Negreiros. (Ilustração para "O Príncipe de Nassau", de Paulo Setubal).



HENRIQUE DIAS

Wash Rodrigues — Henrique Dias. (Ilustração para "O Príncipe de Nassau", de Paulo Setubal).



Fernandes Vieira. (Ilustração para "O Príncipe de Nassau", de Paulo Setubal).



ANTONIO PÊLIPPE CAMARÃO

Wash Rodrigues — Antonio Pêlippe Camarão. (Ilustração para "O Príncipe de Nassau", de Paulo Setubal).

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

Mas o homem que chega é o homem que nunca sofre
A memória é a mão de Deus que nos toca de leve e nos
fai soar o caminho atrás
A sota por deixar tudo o que tinha sido
O mar, a mulher e a esperança de atingir Damasco na
minha fuga...

Chorou, traíste o vaso da perpétua prisão longe
do latido da
mao tróvão forçado que saqueia, era o corte devida
das chagas abertas
Se a memória magenta do ser contendo o espírito
[fantasma]
na a suprema negação do ser contendo o espírito
[fantasma]

Se por toda a parte houver como eu, sombras vari-
ando arrastando vãos, outros vãos, velhas latências
[invenções]
As fúrias ardeas brutas, a omeia encolida, enro-
[trada]
Cujas setas, talvez sem dor, moria de lá muito.

Por toda a parte houver como eu, homens passando
ferrugem por marchas, errando o dorso na praça das
[fúrias]
fúrias de das, sem águas e sem riuam, amullos da fúria
[fúria e estor]
Mas sangrando como facas cravadas na carne das
[fúrias]

Homem poderia imaginar, ó criação de pai, o berçário
[da autoria]
Que caminha errante no ritmo fúnebre dos passos ve-
[fúrias]
Não viri o grande esquecimento das galeras de es-
[fúrias]
Mas beiravam de tudo as estrelas no céu.

E um dia — era o sangue no meu peito — eu vi a
— grande estrela
A grande estrela da alma coa cubetora aflora as águas
da polara no teu sereno como a tarde nos montes
[fúrias]
E tu pensas que a estrela é o amor de Deus na tua
[fúria]

E agora eles dormiram no bojo da estrela fugitiva
[fúria]
A estrela dormiu dormiu há tantas noites — dormiu e
[fúria]
E tu repete que eu nunca supus viver no ser da mi-
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

De longe adorm aqui, velho lobo, espantado
[fúria]
E tu repete que eu nunca supus viver no ser da mi-
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

E agora, velho lobo, aqui estou esperando
[fúria]
E tu repete que eu nunca supus viver no ser da mi-
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

(Ferreira e Euzébio)

Soneto à lua

Porque tens, porque tens olhos escuros
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Porque tens, porque tens olhos escuros
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Porque tens, porque tens olhos escuros
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Porque tens, porque tens olhos escuros
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

(Naves Poesias)

Soneto de inspiração

Não te amo como uma criança, nem
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Não te amo como uma criança, nem
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Não te amo como uma criança, nem
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Não te amo como uma criança, nem
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

(Naves Poesias)

Aria para assovio

Involuntariamente tu
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Involuntariamente tu
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Involuntariamente tu
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Involuntariamente tu
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

(Naves Poesias)

A máscara da noite

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Mim, não tardas a chegar todos os meus pensamentos
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

(Naves Poesias)

A vida vivida

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quem sou eu sendo um grande sonho de vida em
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

(Naves Poesias)

Joya

Joya, alegria da vida!
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Joya, alegria da vida!
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Joya, alegria da vida!
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Joya, alegria da vida!
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Joya, alegria da vida!
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Joya, alegria da vida!
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Joya, alegria da vida!
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Joya, alegria da vida!
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Joya, alegria da vida!
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Joya, alegria da vida!
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Joya, alegria da vida!
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Joya, alegria da vida!
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Joya, alegria da vida!
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Joya, alegria da vida!
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Joya, alegria da vida!
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

(Naves Poesias)

Vida e poesia

A lua projetava o seu perfil azul
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

A lua projetava o seu perfil azul
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

A lua projetava o seu perfil azul
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

A lua projetava o seu perfil azul
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

A lua projetava o seu perfil azul
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

A lua projetava o seu perfil azul
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

A lua projetava o seu perfil azul
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

A lua projetava o seu perfil azul
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

A lua projetava o seu perfil azul
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

A lua projetava o seu perfil azul
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

A lua projetava o seu perfil azul
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

(Naves Poesias)

Soneto de contrição

Eu te amo, Maria, te amo tanto
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Eu te amo, Maria, te amo tanto
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Eu te amo, Maria, te amo tanto
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Eu te amo, Maria, te amo tanto
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Eu te amo, Maria, te amo tanto
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

(Naves Poesias)

A partida

(Tradido de Poesias e Sonetos, a 1943)

Quero ir-me embora, pra estrela
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quero ir-me embora, pra estrela
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quero ir-me embora, pra estrela
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quero ir-me embora, pra estrela
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quero ir-me embora, pra estrela
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quero ir-me embora, pra estrela
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quero ir-me embora, pra estrela
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quero ir-me embora, pra estrela
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quero ir-me embora, pra estrela
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Quero ir-me embora, pra estrela
[fúria]
[fúria] as ondas que vivem pena da minha triste
[fúria]

Antologia da literatura brasileira contemporânea

Ariana, a mulher

Quando, aquela noite, na sala deserta daquela casa cheia
da montanha em torno
O tempo convergia para a morte e houve uma cessação
estrutural seguida de um desmoronar do instante para o
tempo instantâneo
Ante o meu olhar absorto o relógio avançou e foi como
se eu tivesse me identificado a ele e estivesse batendo
sincronamente a Meia-Noite
E na ordem de horror que o silêncio fazia pulsar
como um coração dentro do ar despojado
Eu senti que a Natureza tinha entrado invisivelmente
através das paredes e se plantara nos meus olhos em toda
a sua fúria natural
E que eu estava no meio dela e a minha volta havia
árvores dormindo e flores descoroadas pela treva.

Como que a solidão traz a presença invisível de um ce-
lador — e para mim era como se a Meia-Noite estivesse
falando —
Eu aspirava a sua respiração fria e presente a sua
indefinição monstruosa mas para mim era como se eu
estivesse morta
Paralisada e fria, imensamente arguida em sua sombra
Imóvel para o seu alto e sem luz
E nenhum grito, nenhum suspiro de água nos rios cor-
rendo, nenhum eco nas quebradas ermas
Nenhum desespero nas lutas pendidas, nenhuma fome
no muro afogado das plantas carnívoras
Nenhum voz, nenhum apelo da terra, nenhuma lamen-
tação de folhas, nada.

Em vão eu atirava os braços para as orquídeas insensi-
veis junto aos lírios inertes
Inutilmente contra o céu e cabecinha por entre os tron-
cos cegos parados eram como a miséria da vaidade
sensível dos homens
Nada se movia como se o medo tivesse matado em mim
a novidade e gelado o sangue capilar de acordos
E já o suor corria do meu corpo e as lágrimas dos meus
olhos no contato das coisas esbarradas na alucinação
da fuga
E a loucura dos pés parecia galgar lentamente os mem-
bros em busca do pensamento
Quando eu caí no ventre quente de uma campina de
vegetação úmida e sobre a qual afundei minha carne.

Eu não que eu compreendi que só em mim havia a
morte e que tudo estava profundamente vivo
Boas-vindas vi as folhas caindo, os rios correndo, os tron-
cos pulando, as flores se erguendo
E ouvi os gemidos dos galhos tremendo, dos girassóis se
tremendo, das borboletas voando se finando
E tão grande foi a minha dor que angustiosamente eu
cheguei à terra, como se quisesse recordá-la
Mas da minha liberdade fora como se não houvesse força em
mim e como se ela não me deixasse
E eu me vi só, eu e só, e era como se a treva tivesse
me envolvido eras.

Tristemente me brotou da alma o branco nome da Ama-
da e eu murmurei — Ariana!
E sem pensar eu canibitei o tempo como a vida do Tem-
plo e murmurei — Ariana!
E tudo em mim buscava Ariana e não havia Ariana em
nenhuma parte.
Mas se Ariana era a florada porque não havia de ser
Ariana a terra?
Se Ariana era a morte porque não havia de ser Ariana
a vida?
Porque? — a vida era Ariana e só Ariana havia e nada
fora de Ariana?

Reizei a terra de joelhos e a boca colada ao seu seio
disei muito docemente — Sou eu, Ariana...
Mas eu que um grande passado azul desce e canta as
meas ovidas — Eu sou Ariana!
E em todo o céu ficou vibrando como um lírio o muito
amado nome de Ariana.
Desesperado eu me ergui e bradei: Quem é que te deve
procurar em toda a parte e que está em cada uma?
Espírito, carne, vida, sofrimento, serenidade, morte, por-
quê não serias uma?
Porque me persegues e me foges e porque me deitas se
me das uma luz e todas longe?

Mas nada me respondeu e eu procurei na minha pere-
grinação através a campina
E dizia: Sei que tudo é infinito — e o pio das aves
me trazia o grito dos sorites desaparecidos
E as pedras do caminho me traziam as abismos e a ter-
ra seca a sede nas fontes.
No entanto era como se eu fosse a alimária de um anjo
que me chamava — Ariana!
E eu caminhava cheio do castigo e em busca do mar-
tírio de Ariana
A branca Amada salva das águas e a quem fora prome-
tido o trono do mundo.

E eu que andando um monte surgiam luas e após
lanças iluminadas e após cabanas iluminadas
E após ruas iluminadas e após lugares iluminados
como fogos no mar noturno
E grandes rodas de pensar secavam as portas e se ou-
via o bater das portas.
E eu perguntei: Pecadores, onde está Ariana? — a eles
me mostravam o palme
Perceitos, onde está Ariana? — e eles me mostravam o
fogo
Mulheres, onde está Ariana? — e elas me mostravam
ventra

Mas logo se ouviram gritos e danças e galas tocavam e
guitas batiam
Eu caminhava, e aos poucos o ruído se alongando a
medida que eu penetrava na savana
No entanto era como se o canto que me chegava en-
tossasse — Ariana!
E eu pensei: Talvez eu encontre Ariana na Cidade de
Ouro? porque não seria Ariana a mulher perdida?
Porque não seria Ariana a moeda em que o ouro gra-
vava a effigie do César?
Porque não seria Ariana a mercadoria do Templo ou a
púrpura bordada do altar do Templo?

E mergulhei nos subterrâneos e nas torres da Cidade
de Ouro mas não encontrei Ariana
As vezes indaguei — e um poderoso farol me disse
lindo: Cão de Deus, tu és Ariana...
E talvez porque eu fosse realmente o Cão de Deus eu
não compreendi a palavra do homem Rico
Mas Ariana não era a mulher, nem a moeda, nem a
mercadoria, nem a púrpura

E eu disse consigo: Em todo lugar menos que aqui estará
Ariana

E eu compreendi que só onde cabia Deus cabia Ariana.

Então canibitei Ariana, chorando de Deus castigando Ariana.

E lábei a voz dos pássaros e espantei sobre a urtiga
mas não espantei sobre a cicuta santa

E como se um raio me tivesse ferido e correndo des-
tinado dentro das minhas entranhas.

As mãos em concha, no alto das montanhas ou nos vales
eu gritava — Ariana!

E muitas vezes o eco apitava: Ariana... ah... ah...

E os trovões desolavam no céu a palavra — Ariana.

E como a um pedem estranha, as aspéctas aliam das
linhas e somas de raios

Os porcos indomesticados se desovavam, as crianças tes-
tavam cantando nos lagos

E os cervos e os abutres caíam feridos por legiões de
aquelas precipitadas

E misteriosamente o juízo se separava do trigo nos cam-
pos desertos

E as mitrarias decoradas de braços trizeravam as formi-
gas no solo

E espremedas pela terra decomposta as figuras se
tornavam profundamente azuis.

Deserto em pouco todos corriam a mim, homens varões
e mulheres despoçadas

Uma me dizia: Meu anjo, meu filho morto! e outras
eram cegas e paralisadas

E os homens me apontavam as plantações estorricadas
e as vacas magras.

E eu dizia: Eu sou o Enviado do Mal! e imediatamente
as crianças morriam

E os cegos se tornavam paralisados e os paralisados cegos

E as plantações se tornavam pó que o vento carregava
e que sufocava as vacas magras.

Mas como quisessem me cercar eu falava olhando a dor
e a matança dos corpos

Não temas, povo escravo! A mim me morreu a alma
final do que o filho e me assaltou a indiferença nada

A mim se fez pó a carne mais do que o trigo e se sufocou
com a poeira mais do que a vaca magra

Mas é preciso para que surja a Escalada, a branca e
sereníssima Ariana

A que é a lepra e a saúde, o pó e o trigo, a poesia e a
vacas magras

Ariana, a mulher — a mãe, a filha, a esposa, a noiva,
a bom-amada.

E à medida que o nome de Ariana ressoava como um
grito de clarim nas faces paradas

As crianças se erguiam, os cegos olhavam, os paralisados
andavam modestamente

E nos campos desolados ondulando ao vento, as vacas
fortes nuçavam para a sua clareza
E um só claror saía de todos os poços e vibrava em
todas as linhas — Ariana!
E uma só montanha se ostentava sobre as terras e sobre os
lírios — Ariana.
E um só entendimento iluminava o pensamento nos
poetas — Ariana.

Assim, coberto de bençãos, eu cheguei a uma florada
e me ardei às suas bordas — os raios cantavam li-
bridos

Tive o desejo súbito da sombra, da humidade das folhas
e do repouso das folhas azuis

E me aprofundei na escuridão funda cheia de ruído e
lento o mistério passava solando

E foi como se eu estivesse penetrado e sido atendido
vi orquídeas que eram casinhas doces para a fúria

Vi rosas selvagens cheias de orvalho, de perfume eterno
e boni para matar a dor

E vi palmas gigantescas que eram laques para afogar
o calor da tarde.

Desencanei — por um momento senti vertiginosamente o
luminoso fecundo da terra

A pureza e a ternura da vida nos lírios ativos
A liberdade das líneas prisioneiras, a serenidade das
línhas se despendendo.

E mais que nunca o nome da Amada me veio e eu
murmurei o apelo — Eu te amo, Ariana!

E o dono da Amada me veio aos olhos e eles corriam
a minha frente

E o meu coração pos-se a bater pausadamente dor re-
laxa o sinal cabalístico de Ariana

Dopos um gigantesco relógio se precisou na fúria do
tempo, tomou forma e se situou na minha frente pa-
rado sobre a Meia-Noite

VI que estava só e que era eu mesmo e reconheci veloz
fólbres amigos.

Mas passando sobre o rosto a mão gelada senti que cho-
rava, as puríssimas lágrimas de Ariana

E que o meu espírito e o meu coração eram para sempre
da branca e sereníssima Ariana

No silêncio profundo daquela casa cheia da montanha
em torno.

Main, 1938.

NOTA — Esta publicação de Ariana, a mulher repre-
senta a segunda edição do poema de Vinícius de Moraes. A
primeira edição é de 1938. (Pungent, Rio). Confirma de tra-
tado a publicação de Ariana e Livro de Ariana, e
primeira oportunidade oferecida aos leitores para a com-
preensão desse trabalho, que consideramos um dos mais re-
presentativos da poesia moderna do Brasil.

Poema de Separações

A bordo do "Higlauskiet"

De repente, do vito fer-se o prau
Silencioso e branco como o brumo,
E das bocas unidas, fer-se o espuma
E das unhas, espalmadas fer-se o espanto.

De repente, do calma fer-se o vento
Lve dos olhos de fer o último chama
E das oaxas fer-se o pressentimento
E do momento imóvel fer-se o drama.

De repente, uas mais que de repente
Fer-se, de triste o fim se fer amonto
E do sorriso o fim se fer crutente

Fer-se do omipo próximo o distante,
Fer-se do vida uma oventura errante
De repente, nas mais que de repente

Agosto, 1938

Vinícius de Moraes